

PERCEPÇÃO HISTORIOGRÁFICA AO LONGO DA GRADUAÇÃO POR CINTIA GOMES GUIMARÃES

Entrevistada: Cintia Gomes Guimarães¹
Entrevistadora: Laura Oliveira dos Santos²

1) A partir do seu conhecimento na produção historiográfica indígena brasileira, como você avalia a participação das mulheres?

Este pode ser resultado de uma defasagem particular minha, e digo isso pois não gosto de partir da suposição de que, por ter afinidade com alguns assuntos é que sei de todas as coisas e que tenho familiaridade com todas suas fontes e pesquisas, muito pelo contrário. Mas ao observar influências pessoais e influências gerais, especificamente, no curso de História, eu sinto que a bibliografia e a postura pedagógica na organização dos cursos ainda têm uma grande defasagem perante a questão indígena. O pensar Indígena e o pensar Acadêmico são duas áreas bastante distintas, visto que vêm de lugares bastante diferentes, e apesar de seu diálogo ser complexo, acredito que a falta que percebemos hoje é mais da postura de abertura ou não das instituições tradicionalmente ocidentais (no caso as universidades, dentre outras correlatas), que da postura de grupos, indivíduos ou representantes indígenas.

Na minha experiência pessoal, a defasagem da área de História parece ainda mais distinta das demais áreas, pois é mais comum hoje em dia, por exemplo, ver alguns nomes indígenas aparecendo finalmente dentro do espaço e do mercado literário por exemplo, como o de Davi Kopenawa, Daniel Munduruku, Marcia Kambeba, Eliane Potiguara, Ailton Krenak, dentre

¹ Graduanda em História pela Universidade Federal de São Paulo.

² Entrevista realizada por Laura Oliveira dos Santos, graduanda em História pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2196689374414974>. E-mail: laura.oliveiradsantos@gmail.com.

outros; têm crescido também, a presença de indígenas no mundo das demais artes, plásticas ou musicais, e da sua ocupação em espaços museológicos, do espaço urbano e da construção cultural contemporânea, que podem ser todas cada qual, uma discussão à parte, tendo entre estes nomes como: Jaider Esbell, Denilson Baniwa, Brisa Flow, Souto MC, Kaê Guajajara, Katu Mirim, Daiara Tukano, entre outros. Cito aqui estes nomes que me lembro de cabeça, mas que jamais vão conter a gama completa de diversidade e de indígenas dispostos e ativos a representar e dar voz às pautas, cada um dentro de sua possibilidade e contexto.

O que quero demonstrar com os exemplos acima é, que consigo pensar em diversos lugares onde hoje existe uma pessoa indígena que ocupa e que tenha sido vista, e não pela “bondade” das instituições, mas por fruto de muita luta. O espaço do Historiador, no entanto, não é um destes. Existe uma defasagem, precedente de qualquer discussão, do reconhecimento e da divulgação de profissionais indígenas da área, e esses nomes existem, tal como: Marcia Mura, doutora em História Social pela Universidade de São Paulo; Casé Angatu Xukuru Tupinambá, historiador e professor na Universidade Estadual de Santa Cruz, tendo um artigo publicado justamente sobre a história territorial de Guarulhos Edson Kayapó, historiador e professor do Instituto Federal da Bahia (IFBA). Mas aparecem, claramente, em minoria.

Isto que pode partir, no entanto, de dois princípios: aquele onde os representantes da instituição Acadêmica e dos recortes possíveis têm o único interesse de deliberadamente excluir estas pessoas e estes assuntos; e aquele onde existe uma perpetuação do que Julie/Trudruá Dorrico vai discutir enquanto tutela epistemológica. Indígena Macuxi, mulher e estudiosa da área linguística, Dorrico ilustra bem um dos problemas que permeia qualquer área acadêmica que “se abre” para minorias as quais antes excluiu. Neste caso, quando abertos os poucos espaços, nos discursos de acadêmicos da área reina uma noção de que o indígena será, novamente,

objeto do outro, que será observado pelo prisma alheio e que aqueles indígenas que dizem respeito a sua própria História e historiografia, podem “misturar demais as coisas”. Qualquer historiador que compreenda o sentido primário de um estudo historiográfico é que, pela historiografia, se prova que sempre existirá um discurso, um sentido moral, histórico, cultural junto aos estudos suscitados por quaisquer pesquisas, seguindo a partir dos métodos de pesquisa possíveis apresentados, e que nenhum de nós está impedido de numa pesquisa histórica, ter, essencialmente, um reflexo de nossas características pessoais.

Sendo assim, o mínimo que posso refletir é que, dentro dos espaços acadêmicos os quais frequentei, o que tem reinado sobre uma historiografia indígena brasileira é o medo. Daqueles que são indígenas, ou daqueles que sejam capazes de entender o indígena, ou os povos indígenas como agentes históricos em sua própria autonomia. Dos poucos agentes que, dentre indígenas e não-indígenas se propuseram a levantar debates menos ortodoxos, os nomes que se destacam vêm de produções feitas por mulheres, historiadoras ou não, impactando fortemente nas possibilidades e na manutenção da relevância de uma discussão sobre indígenas enquanto agentes históricos, tal como os estudos da antropóloga Manuela Carneiro da Cunha. Além das próprias mulheres indígenas aqui citadas, que dentro deste contexto de dificuldades, salientam que são as mulheres que abrem caminhos, num geral, dentro dessas produções, mas que também, frente às produções masculinas, são menos publicadas.

2) Você, enquanto estudante de graduação, sente falta de autoras mulheres nas bibliografias dos cursos?

Sim, existe uma grande defasagem na bibliografia quando se pensa em autoras mulheres, contudo, felizmente tive a oportunidade de estar a par de um movimento de compreensão e de flexibilização do curso e de sua bibliografia logo cedo. Em meu primeiro semestre na matéria de Moderna I,

onde abertamente foi declarado que haviam mudanças até então possíveis na bibliografia a pedido da monitoria e de outros alunos para uma maior diversidade de gênero dentro do perfil dos historiadores, e outros pensadores os quais iríamos ler.

Mesmo assim, sinto que as bibliografias gerais dos cursos que fiz, tanto dentro da graduação de História quanto em outras oportunidades ofertadas dentro do meu campus, como na Filosofia, Ciências Sociais e História da Arte, existe amplamente, ainda, uma dominação masculina na estrutura dos textos dos cursos.

Entendo, contudo, que este assunto é uma faca de dois gumes, e que dentro da universidade algumas matérias, especialmente as matérias fixas a matriz curricular, precisam atingir um entendimento teórico que é mais aprofundado do que o geral, mas ainda assim, genérico frente às produções e ao espaço acadêmico. Que temos limitações, de tempo principalmente, e estrategicamente, algo que precede aos docentes, é que são estabelecidos clássicos pela historiografia, aquelas produções feitas por homens, isto também, devido a própria questão histórica da disparidade de gênero do acesso à educação. Em Contemporânea III, tive uma ótima experiência também, visto estas dificuldades, mas onde houve movimentação dos discentes e docentes para que houvesse pelo menos uma figura feminina que pudesse ser discutida na bibliografia. Até mesmo em Brasil I, que foi onde conheci o trabalho de Manuela Carneiro da Cunha; ou em História da África e História da Ásia, também apresentando mulheres autoras em seus currículos, e mulheres professoras em sua pedagogia.

Acho que é um assunto que tem caminhado, que está ganhando seu espaço, e que tive contato com bons cursos e docentes que estão dispostos a compreender esta mudança.

3) Em comparação ao início da graduação, quais as principais diferenças que você percebe em relação a suas áreas de interesse para pesquisa hoje?

Admito que agora, entrando no 6º semestre, tenho conceitos do que gosto e do que é possível pesquisar, para mim, são bem distintos. Achei, *a priori*, que pesquisaria e entraria inclusive nesse âmbito da “História Indígena” brasileira, por vezes também pensando em conectá-la com outras pautas históricas de indígenas nas Américas, contudo, visto ainda as dificuldades a tratar destes assuntos, acabei me afastando do meio, não que acredite que não possa retornar ao longo do tempo e da carreira.

Percebi uma afinidade que jamais esperava em mim, ao menos pelo gosto, nas matérias de Moderna e Contemporânea, abrindo recentemente meu campo de pesquisa numa IC voluntária pelo recorte de História Contemporânea, mais centrada no espaço da História da Arte, iconografia, do estudo dos quadros e de outros objetos artísticos e sua relevância enquanto objetos históricos.

Acredito que esta questão da área de interesses, no entanto, seja puramente pessoal, não posso atestar aqui qual vai ser a experiência do leitor, acho que uma gama de questões me influenciou, como as metodologias e assuntos apresentados, os recortes escolhidos, a experiência de cada curso, sendo ele agora presencial ou não, o tempo de diferença de ingresso e de experiência como aluna e historiadora em formação.

A única coisa que posso dizer com a minha pouca experiência, é que se permita pesquisar o que você gosta e se identifica, não tenha medo do seu próprio processo de desenvolvimento e mude se sentir que precisa mudar, compreenda bem os seus limites, mas procure não se autossabotar. E lembre-se, pesquisa, no final, é pra você, pois só você sabe o sentido, o motivo, e como vai ser carregar aquela responsabilidade, especialmente se você for mulher e parte também de outras minorias.